

**UMA BREVE ANÁLISE CRÍTICA DE TEXTOS DOS SÉCULOS
XIV-XVI PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A PERIODIZAÇÃO
TRADICIONAL COM FOCO NA EMERGÊNCIA
DE UM PORTUGUÊS PRÉ-MODERNO**

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Na história da língua portuguesa, diferentes periodizações têm sido concebidas por renomados estudiosos, que têm reconhecido na história da língua sucessivos ciclos, que se diferenciam por fatores “internos” e/ou “externos”. É praticamente unânime a seguinte divisão: i) Época pré-histórica; ii) Época proto-histórica; e iii) Época histórica, tendo esta última duas fases: a arcaica/antiga/trovadoresca (do séc. XII ao séc. XVI) e a moderna (a partir do séc. XVI). Contudo, há autores, como, por exemplo, Mattos e Silva (2007; 2004; 2001), que dividem o português arcaico em duas fases: uma que vai de 1100 a 1350 e outra que vai de 1350 a 1540, e denominam essa segunda fase de português pré-moderno (ou pré-clássico ou médio). Neste trabalho, será focalizada a ortografia da produção escrita do período compreendido entre o final do século XIV e meados do século XVI, que suponho ser uma segunda fase, da Época histórica, em que se dá a emergência de um português pré-moderno.

Palavras-chave:

Periodização. Português pré-moderno. História da língua portuguesa.

RESUMEN

En la historia de la lengua portuguesa, diferentes periodizaciones han sido concebidas por renomados estudiosos, que han reconocido ciclos sucesivos en la historia de la lengua, que se diferencian por factores “internos” y/o “externos”. La siguiente división es prácticamente unánime: i) Época prehistórica; ii) Época protohistórica; y iii) Época histórica, esta última con dos fases: la arcaica/antigua/de los trovadores (del siglo XII al XVI) y la moderna (del siglo XVI en adelante). Sin embargo, hay autores, como Mattos y Silva (2007; 2004; 2001), que dividen el portugués arcaico en dos fases: una de 1100 a 1350 y otra de 1350 a 1540, y denominan a esta segunda pre-moderna (o pre-clásica o media) fase portuguesa. En este trabajo nos centraremos en la ortografía de la producción escrita del período comprendido entre finales del siglo XIV y mediados del siglo XVI, que asumo como una segunda fase de la Época histórica, en la que se produce el surgimiento de un portugués premoderno.

Palabras clave:

Periodización. Portugués premoderno. Historia de la lengua portuguesa.

1. Introdução

Na história da língua portuguesa, diferentes períodos têm sido concebidos pelos diversos especialistas no assunto. Esses renomados estudiosos, como por exemplo, Said Ali (1921; 1965), Vasconcelos (1956), Vasconcellos (1959 [1911]), Teyssier (2004 [1980]), Mattos e Silva (2007; 2004; 2001) entre tantos, têm reconhecido na história da língua sucessivos ciclos, que se diferenciam por fatores “internos” e/ou “externos”⁶⁶.

Decerto, a divisão da história da língua portuguesa em épocas ou períodos, apesar de os critérios serem muitas vezes divergentes, tem servido como um roteiro de estudo ao longo do tempo. Por isso, embora não seja essencial, pode ter alguma importância didática a periodização que se apresenta abaixo, segundo Leite de Vasconcellos (1959), em Coutinho (1976):

- a) Época Pré-Histórica (das origens até o séc. IX) – surgem os primeiros documentos latino--portugueses, escrito em latim não literário, cuja fonte é constituída de escassas inscrições – formação do romance falado na região;
- b) Época Proto-Histórica (do séc. IX ao séc. XII) – textos redigidos num latim estranho (relativamente sem regras), que tem sido denominado “latim bárbaro”, nos quais se verificam palavras portuguesas, o que evidencia o romance galaico-português; e
- c) Época Histórica (a partir do séc. XII) – textos redigidos em português. Esta época deve ser dividida em duas fases: a arcaica (do séc. XII ao séc. XVI) e a moderna (a partir do séc. XVI). (Adaptação de COUTINHO, 1976, p. 56-7)

Carolina de Vasconcelos (1956) sugere dividir essa fase arcaica em dois períodos: o primeiro do século XII a 1350 é o período trovadoresco; o de 1350 ao século XVI (com a obra de Camões) é o período da prosa histórica, verdadeiramente português (Crônicas de Lopes, da Crônica do Condestável D. Nun’Álvares Pereira e da do Infante Santo, O sacrificado de Tanger). Há autores, como, por exemplo, Mattos e Silva (2007, 2004; 2001), que dividem o português arcaico em duas fases: uma que vai de 1100 a 1350 e outra que vai de 1350 a 1540, e denominam essa segunda fase de português pré-moderno (ou pré-clássico ou médio).

⁶⁶ Os fatores internos se referem a características linguísticas, que podem ser observadas nos textos; os fatores externos se referem ao contexto histórico, em que os textos são produzidos.

A importância didática em separar esses dois períodos dentro da fase arcaica consiste em dar um tratamento diferenciado aos textos da sua segunda fase – intermediária –, os quais não são propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno, porquanto se apresentam com características de ambos. São textos, pois, de um português pré-moderno, que refletem a transição linguística por que passou a língua portuguesa em sua formação, mais propriamente escrita, como a Carta do Papa Nicolau IV, enviada aos eclesiásticos e a D. Dinis em 1290, confirmando a fundação do Estudo Geral das Ciências de Lisboa, ou a carta de D. Dinis aos Alvazis de Santarem e sesmeiros da Povia da Tavega, em português arcaico, em 1316?, ou os poemas da poesia palaciana (os escritos em português arcaico, uma vez que alguns foram escritos em castelhano), do Século XV, ou outros tantos documentos, que nos legaram os escritores do final da denominada fase arcaica.

Neste artigo, preocupo-me com a grafia das palavras da produção escrita entre o século XIV e o século XVI, que concebemos um período, dentro da fase arcaica, do período histórico, de português pré-moderno. Nesse período, como observa Hany (1989, p. 20), “com o desenvolvimento da prosa histórica, é que a ‘linguagem’ adquiriu características essencialmente portuguesas”.

Certamente, quando se deu a fundação de Portugal, como reino independente, e, conseqüentemente se instituiu o galego-português como sua língua oficial sob a denominação de língua portuguesa, certas características linguísticas já se faziam sentir na língua em si, o que a tornava particular em relação à língua falada na Galiza. O convívio com os “árabes” ou moçárabes era totalmente assíduo e, por conseguinte, os “portugueses” assimilavam e adotavam os costumes moçárabes; certamente a linguagem também sofrera a influência dos romances moçárabes, que se estabeleceram anteriormente nas regiões reconquistadas aos mouros. Essa região entre Lisboa e Coimbra, que passou a formar o centro do domínio daquela língua portuguesa, é a região, antes moçárabe, em que o português moderno se configura.

O grau de tal influência, por motivos óbvios, não se pode mensurar, mas a toponímia local e os inúmeros vocábulos e expressões linguísticas usados ainda hoje na fala dos usuários da região sul de Portugal, mormente no Algarve, constituem um forte indício de que o português, instituído como língua do Reino de Portugal já não era o mesmo galego-português do início da expansão do Condado Portucalense (Cf. NUNES, 1969, p. 13-14). Não se quer dizer, com isso, que se caracterizavam

como duas línguas diferentes, mas que já se podiam notar particularidades linguísticas na língua adotada em Portugal, embora a unidade linguística ainda fosse a mesma, como comenta Silveira Bueno (1955):

Se assim se constituía o novo reino, a nova nacionalidade, continuava, porém, a unidade linguística a ser a mesma com Galiza. É o grande traço de união entre as duas partes. O Minho, separando os territórios, começa a separar também a primitiva unidade, criando o binômio *galego-português* que será, até o século XV, uma das expressões mais apreciadas do lirismo medieval.⁶⁷ (SILVEIRA BUENO, 1955, p. 61)

Também não se deve ignorar que o sistema linguístico da região fronteiriça entre o novo Reino de Portugal e a Galícia já apresentavam diferenças desde o século XIII, como observa Cardeira (2015):

No tocante à situação linguística, em primeiro lugar cumpre referir que, segundo Clarinda Maia (1997: 886) e Ramón Mariño Paz (1998: 82), desde a segunda metade do século XIII que se observam já traços diferenciadores dos sistemas linguísticos a norte e a sul do Minho, embora seja só a partir do século XIV que tal diferenciação se acentua. (CARDEIRA, 2015, p. 79)

Cardeira ainda acrescenta a ideia de que, “ao contrário do português, que se afirmou enquanto língua da coroa, o galego, durante os séculos XVI e XVIII, desenvolveu-se no quadro de um processo de expansão do castelhano” (2015, p. 79). De fato, enquanto a língua portuguesa se libertara das amarras castelhanas, desenvolvendo-se normalmente, desde o século XIII, a “língua” galega, predominantemente oral, fora relegada a uma situação servil politicamente de outros reinos – de Leão, até 1230, e de Castela, até praticamente 1516, quando, enfim, nasce a Espanha. A Galiza passa a ser aculturada por Castela, que se esforça para transformar o falar galaico-português num dialeto do castelhano. Politicamente, a Galiza praticamente deixa de existir.

Do que, realmente, não se pode duvidar é que a separação entre o galego-português da Galiza e o de Portugal se deu por um desenvolvimento político e sentimento nacionalista de Portugal.

Em nossa literatura, podemos constatar que até o século XIV, em plena fase, arcaica do período histórico, é o galego-português a “língua”

⁶⁷ Desta citação, depreende-se também que o termo “galego-português” só começou a ser usado após a criação do Reino de Portugal, o que sugere, que até então, a unidade linguística que se impunha em toda a extensão das terras desde a Galiza ao Portugal de Dom Afonso Henriques (Afonso I) ou era denominado “galego” ou não tinha nenhuma denominação específica. Silveira Bueno parece estar alinhado à tese de que o galego, e não o romance galaico-português, era a linguagem de comunicação do Condado Portucaleense.

utilizada nas comunicações e expressões oral e escrita em todo o Portugal, e exclusiva da poesia lírica do Trovadorismo português e em toda a península. Também podemos constatar que a unidade linguística do, até então, romance galaico-português, utilizado como expressão e comunicação na Galiza e em Portugal, começa a se cindir nesse século XIV e evolui para um galego-português particular dos portugueses, que se efetiva como língua portuguesa no século XVI, quase no limiar da época moderna, com a publicação dos *Lusíadas* (1572).

É nessa época que a unidade linguística do galego-português, que já era considerada a língua de Portugal, portanto, a língua portuguesa, mostra-se abalada, em decorrência do contato com as “línguas” moçárabes desde 1255, quando D. Afonso III instalou-se em Lisboa e a tornou capital do país. Desde essa época, a língua portuguesa, ou melhor, o galego-português, ia-se “espalhando pelas regiões meridionais, que até então falavam dialetos moçárabes. Lisboa, a capital definitiva, situava-se em plena zona moçárabe” (TEYSSIER, 2004, [1980], p. 26), no centro do país, onde o processo de influência linguística moçárabe se deu e se espalhou para o Sul. A Galiza permaneceu praticamente isenta do contato com a cultura moçárabe. Logo, com a influência desses “dialetos” meridionais moçárabes que praticamente definiam a fonética portuguesa, a qual já se distinguia da da Galiza, o galego-português se particularizava em Portugal e se tornava a língua portuguesa em si.

De fato, são muitas e de diferentes naturezas as particularidades do português, que afloraram no final da fase arcaica – uma fase arcaica média ou intermediária, cuja data não se pode precisar, mas que se pode elucidar como sendo entre o meado do século XIV e final do século XV (ou início do século XVI). Até porque “uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona, num momento, de um estado a outro” (VASCONCELOS, 1956, p. 18).

Comentando sobre os dois períodos a que se refere Teyssier em seu *História da língua portuguesa* (a saber, o “arcaico”, que vai até Camões, e o “moderno”, que começa com ele), e que representam a proposta corrente nos muitos tratados, Evanildo Bechara (1985, p. 7)⁶⁸ nos alerta para o fato de “que quem lida com textos antigos, lendo-os cronologicamente, percebe com facilidade o quanto elástico se mostra esse período

⁶⁸ Tese de concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (inédita), na qual o autor discorre sobre as tradicionais fases da língua portuguesa na tentativa de proposta de nova periodização.

arcaico, em cujo espaço se compreendem fenômenos linguísticos tão distintos”.

Também Bechara (1991) comenta sobre a fase arcaica média, afirmando que “esta fase se caracteriza pelo seu aspecto de transição, onde alguns fenômenos correntes na fase anterior, ainda que persistindo, já denunciam acentuada tendência de mudança” (BECHARA, 1991, p. 69-70).

Carvalho (2019) apresenta diversas divisões da fase arcaica, apontando em cada um dos períodos de uma 2ª fase arcaica as mudanças, por que passou a língua portuguesa em seu processo de “elaboração” (como denomina a autora) até um português pré-moderno nos meados do século XV, e que se efetivam ainda nesse século, por volta de 1485, quando se iniciaria o português moderno.

Numa versão de Beatriz Peña Trujillo (2013) para o espanhol de *Introdução à história do português*, Ivo Castro acrescenta um quarto Capítulo “Português Médio” (“português médio ou intermediário”), em que o autor se pergunta “Transição ou crise?” (“¿Transición o crisis?”), e afirma que o português médio seria um período de mudança do antigo para o clássico (ou moderno), caracterizando a língua como “uma longa transição desde a língua medieval para uma plataforma estável e clássica”. Depreende-se, pois, que também Ivo Castro concebe um português antigo e um moderno, sendo que entre eles houve um português intermediário, em que se deu uma transição de duração acentuada.

Na primeira edição desse seu *Introdução à história do português*, em 1945, Ivo Castro considera ser mais interessante dividir a história do português em duas grandes unidades cíclicas de formação (ou movimentos sucessivos de crescimento), por ser mais próximo da verdade a seu ver. O primeiro movimento seria o da transplantação inicial da língua, que partindo da Galécia Máxima, desembocaria no Sul da península; o segundo seria o de sua expansão, também para o sul, porém para fora da Europa. A partir desses dois movimentos, reconhecer-se-iam a presença e a ação de dois ciclos evolutivos: o primeiro ciclo seria o de formação da língua e teria ocorrido entre os séculos IX e XV, em que a língua acompanha o movimento de Reconquista do território dos árabes ao sul. O segundo ciclo seria o da expansão da língua para fora da Europa, e teria início no final do século XV, período em que o português se reestrutura e se consolida em Portugal e se expande para o estrangeiro.

Como afirma Cardeira (2009, p. 106), “esta proposta de Castro espelha de forma mais realista a história da nossa língua, mas não nos permite ignorar as propostas tradicionais, que tentam estabelecer fronteiras mais precisas”. Embora Castro (2006) considere que esse português médio seja um período curto, que não ultrapassa a primeira metade do século XV, observa que nele se define uma nova língua literária, livre do galego-português e da língua dos Cancioneiros. Para Castro, é nesse período que se resolvem certos processos evolutivos, que se podiam observar, transformando estruturas morfossintáticas e configurando uma nova língua.

Daí, direcionarmos o foco para o período, em que, corroborando Said Ali (1965), Bechara (1985; 1991) e Mattos e Silva (2007; 2004; 2001) e considerando a proposta de Ivo Castro (2013 por TRUJILLO), esse português antigo se caracteriza como “português pré-moderno” e se podem constatar suas particularidades morfossintáticas e fonéticas. Duas peculiaridades do português arcaico, que serão destacadas neste estudo, são o léxico e o padrão ortográfico dos vocábulos, utilizados pelos escritores da época.

Para identificar tais elementos caracterizadores desse português pré-moderno, textos dos séculos XIV, XV e XVI – pelo menos, dois produtos de cada um desses séculos – foram consultados. Logo o *corpus* da pesquisa compõe-se de textos representativos do período compreendido entre o início do século XIV e o meado do século XVI.

2. Sobre o objetivo da pesquisa

Neste breve artigo, enfatizarei alguns aspectos fonéticos em textos do português medieval, que se efetivam na sua grafia, com reflexo na formação de seu vocabulário, para reconhecer a emergência de uma língua portuguesa pré-moderna, que julgo se processar entre o final do século XIV e início do século XVI.

Como previamente foram analisadas algumas cantigas trovadorescas do final do século XIII e século XIV, alguns textos em prosa e outros em poesia dos séculos IV e XV e início do século XVI, pude perceber que há diferenças linguísticas significativas entre as produções do período inicial da fase arcaica (até o final do século XIV) e as do início da fase moderna. Tais diferenças, contudo, não são tão acentuadas quando o cotejo se processa, considerando as produções do período final da denominada fase arcaica, que venho considerando uma

fase intermediária entre a fase arcaica e a moderna, mais propriamente entre o final do século XIV e meados do século XVI. Os textos, pois, não são propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno; as suas estruturas sintáticas, as representações gráficas para os seus fenômenos fonéticos e o seu vocabulário se apresentam com características de ambas as formas de comunicação desse período histórico da língua portuguesa. São textos que refletem a emergência de uma nova língua portuguesa, que considero um português pré-moderno.

Em síntese, o objetivo desta breve pesquisa é especificamente o de identificar, na língua portuguesa do final da fase arcaica – o galego-português –, a grafia das palavras que se efetiva em seu vocabulário, tomando como escopo textos escritos na época por diferentes escritores lusitanos, nos diversos estilos literários, e em cotejo com outros escritos por escritores galegos. Em seguida, analisar os dados levantados para a elaboração de uma proposta para a reformulação teórica acerca dos estudos sobre a língua portuguesa do referido período, considerado por muitos estudiosos como um momento ainda da 1ª fase da Época Histórica (a fase arcaica, cuja periodização consagrada é aquela que vai do séc. XII ao séc. XVI) e por outros tantos como um momento pré-moderno (ou a 2º período da fase arcaica).

3. O vocabulário amalgamado do galego-português

Pode-se dizer que o vocabulário do galego-português, inicialmente, constituía-se de um amálgama linguístico do vocabulário do latim corrente da Galiza e da Lusitânia, que, segundo Vasconcelos (1956, p. 20), “em geral todas as formas estão mais próximas do latim vulgar. São mero reflexo delas”.

Mais tarde, a partir do século XIII, enriqueceu-se com inúmeros galicismo e provençalismo por conta do contato dos trovadores com as poesias francesas e provençais, especialmente as cantigas de amor. Predominava, até então, um léxico de origem popular; poucos eram os vocábulos eruditos e/ou semieruditos, embora fazer empréstimos diretamente do latim já fosse uma prática desde épocas mais remotas; até mesmo os documentos oficiais e particulares (testamentos, títulos de venda etc.), que começaram a surgir no início do século XIII, eram escritos em “língua vulgar”, como observa Vasconcelos (1956):

[...] na linguagem arcaica dos trovadores não havia vocábulos eruditos. Apenas alguns provençalismos, francesismos e galeguismos [...] No imediato, no período da prosa nacional, já houve enorme confusão. Havia já palavras eruditas, extraídas do dicionário latino ou helênico, não alteradas na boca do vulgo. E essas entravam em geral com todas as letras originais, tanto na prosa de notários, eclesiásticos, arqueólogos, historiadores, como nos versos dos poetas antigos do século XV – até com letras que em português nunca tiveram função privativamente sua. (VASCONCELOS, 1956, p. 37)

Por volta do século XV, entretanto, o léxico, já renovado pela latinização, e pelo contato com a língua castelhana, que era uma segunda língua literária, apresenta-se enriquecido e semelhante ao léxico do português moderno. Nesse período, também ocorreram mudanças de ordem gramatical e muitas formas novas, atualizadas por processos sistemáticos, coocorrem com formas eruditas e semieruditas.

Quanto à fonética, a diferença entre o galego-português (do século XIII) e o português moderno é flagrante e basta comparar a ortografia, que normalmente é a representação gráfica dos sons (fonemas) – a saber, a ortografia arcaica era fundamentalmente fonética com raros traços etimológicos –, utilizada nos textos dos séculos XIII-XVI, para constatar as suas particularidades. Não raro, os escribas e os escritores grafavam um mesmo som de formas variadas ou de uma mesma maneira sons diferentes; até num mesmo texto, na tentativa de representar os fonemas com letras (ou símbolos gráficos), cometiam “falhas”, que se multiplicavam à medida que os textos iam sendo produzidos. Contudo, como afirma Teyssier (2004 [1980], p. 29), “apesar de suas imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e ‘fonética’ do que aquela que prevalecerá em português alguns anos mais tarde”.

Em síntese, comparando os sistemas ortográficos antigo e moderno da língua portuguesa, convém destacar o fato de o português antigo possuir quatro consoantes africadas – representadas graficamente por “c, ç, z, s, ss, f, fs, ff, β e j” –, as quais não se mantiveram, com exceção da africada palatal surda [tʃ], que permaneceu no falar de Lisboa até o século XVIII e que, também, ainda se encontra no Nordeste continental, com a grafia *ch* da fricativa palatal correspondente [ʃ], que se grafava com *x*. As duas fricativas ápico-alveolares [s, z], grafadas *s* ou *ss*, que ainda se encontram nos dialetos do Nordeste continental, deixaram de ser usadas por volta do século XVI.

Convém, ainda, destacar os diferentes modos de se grafarem as vogais, mormente “i” e “u”, que ora representavam um fonema vocálico,

ora um fonema consoântico, em concorrência com outros grafemas (y, j, v) e os ditongos nasais como em “vam”, “erã”, “partioens”, “razom”, “são”, muy. Ademais, a representação gráfica da nasalidade é, até o século XVI, algo intrigante, pois o usuário a efetivava por motivos vários: conhecimento etimológico, sentimento fonético, estilo, desejo de ser o modelo, arbitrariedade tão simplesmente, desconhecimento completo do fenômeno... Essa nasalidade das vogais é frequentemente indicada pelo til (˘), notação léxica, ou pelas consoantes nasais *m* e *n* (Ex.: *cāaes*; *grã*, *gram*, *gran*, *difinçám*, *me dan*, *môtes*, *em*, *én*, *ben*, *ēnos*, *linhagēes*, *īde*, *quinto*, *quynto*, *Cojmbra*, *homēes*, *toom*, *nom*, *non*, *nō*, *noō*, *hūa*. *hūu*, *nēguū*, *mundo* e tantos outros). Essa notação léxica também podia indicar uma abreviação como em “q̃” (“*que*”), “q̃l” (“*qual*”) ou *p̃gaō* (“*pagão*”), “*a p̃ffandoſſe*” (“*apressando-se*”), o que nos faz pensar que, sobre as vogais, também indicaria uma abreviação – a supressão de um “*m*” ou “*n*”.

Embora ainda se identifiquem, nas composições do referido português pré-moderno, tais confusões na grafia dessas consoantes africadas, bem como na grafia de outras consoantes e vogais (incluindo as que são consuetudinariamente denominadas semivogais), uma regularização gráfica de determinados fonemas já se podia sentir, o que aponta para uma tendência a se criar um padrão, já que até então se impunha uma hesitação natural, causada pela falta de uma tradição ortográfica naquela época.

4. Hipótese acerca da flutuação gráfica do português arcaico

A dificuldade de se estabelecer uma padronização estrutural, referente à ortografia no português medieval, deve-se ao fato de não existir, até o século XVI, uma tradição gramatical essencialmente portuguesa (ou galaico-portuguesa). No entanto, como já se pode sentir uma relativa regularidade na ortografia, de produções escritas entre os séculos XV e XVI, pensamos na hipótese de se estar, nesse período, estabelecendo-se um padrão linguístico português – a língua portuguesa propriamente dita –, que muito se assemelha ao padrão linguístico do português moderno (ou clássico), cujo marco divisório tem sido tradicionalmente atribuído à publicação das duas gramáticas da língua portuguesa (a de Fernão de Oliveira, em 1560, e a de João de Barros, em 1564) e “Os Lusíadas” (1572), de Camões.

Decerto, a “ortografia” dos textos produzidos na primeira fase do Período Histórico – a Fase Arcaica – como observa Teyssier (Cf. 2004. p. 29-35), mostra-se característica:

Apesar de suas imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e ‘fonética’ do que aquela que prevalecerá em português alguns anos mais tarde. (TEYSSIER, 2004 [1980], p. 29)

Somada ao fato de se poder observar a emergência de um padrão linguístico particularmente português no galego-português do final da fase arcaica, constata-se um evolutivo enriquecimento do seu léxico por volta do século XV. Tudo isso, pois, reforça a hipótese de o período compreendido entre os séculos XIV e XVI, em que o galego-português sofreu uma série de transformações morfossintáticas e fonéticas (Cf. VASCONCELOS, 1956; SAID ALI, 1965; TEYSSIER, 2004 [1980]; BECHARA (1985; 1991); MATTOS E SILVA, 2007; 2004; 2001; CASTRO (2013), ser o momento inicial de um “português pré-moderno”.

5. *Coleta de dados e um esboço de análise da ortografia do português pré-moderno*

Como já foi dito, é grande a dificuldade de se estabelecer um padrão na grafia das palavras do português medieval, em que ainda não se estabelecera uma ortografia, por falta de uma tradição gramatical essencialmente portuguesa até o século XVI. Contudo a hipótese de tal padrão estar estabelecendo-se por volta do século XV, emerge durante o cotejo dos vários exemplos transcritos da produção textual dos séculos XIV e XVI. Daí, a importância do esboço de análise da grafia desses fragmentos, que compõem os dados coletados.

Nas produções escritas da fase arcaica, podem-se constatar diferentes situações na sua “ortografia”: no primeiro momento da fase arcaica, as imprecisões e incoerências da grafia do galego-português medieval eram menos incidentes do que as do meado para o final dessa fase; nele, a grafia se mostra mais regular e fonética do que a que se verifica alguns anos mais tarde (Cf. TEYSSIER, 2004 [1980]), que só aponta para um padrão gramatical no final da fase arcaica.

Eis uns trechos do galego-português do século XIII:

- (01) “E rogo e prego meu senior o apostoligo e beigio a t(er)ra ante seus péés q(ue) pela sa santa piadade faza aq(ue)sta mia mãda séér (con)p(ri)da e aguardada, q(ue) nenguu nõ

agia poder de uinir (con)t(ra) ela. (Testamento de D. Afonso II. Séc. XIII. In: COSTA, 1979)

- (02) “... Ca me fazen én sabedor / de vós que havedes bon sén / de foder e de todo bem.” (Afonso Eanes de Coton. Cantiga de Escárnio e Maldizer, Séc. XIII)
- (03) “... e meu amor / será-vos d’escusar peyor” (Dom Dinis. Cantiga de Amor nº XXVIII, Séc. XIII)
- (04) E pelo mesmo modo mandamos, que os Estudantes Artistas, Canonistas. Legistas e Medicos, que os Mestres reputarem idoneos, possam receber o grao de Licenciados nas sobreditas Escolas pelo Bispo, que pro tempore for de Lisboa, ou pelo Vigairo, que Sede Vacante for pelo Cabido in spiritualibus eleito. (Carta enviada a D. Dinis do Papa Nicolau IV em 1288. Séc. XIII *apud* RIBEIRO, 1871, p. 419)
- (05) “Quando eles chegarom *az* abadia, levarom Lançarot pera ùa camara e desarmarom-no. E veo a ele *a* abadessa com quatro donas, e adusse consigo Galaaz. Tam fremosa cousa era *que* maravilha era! E andava tam bem vestido que nom podia melhor.” (Demanda do Santo Graal. Séc. XIII-XIV *apud* MAGNE, 1955)

Nesses cinco exemplos, da prosa e da poesia do meado do século XIII para o século XIV, pode-se perceber certa flutuação na grafia, principalmente nas vogais nasais: *ante*, *mãda*, *nõ* (01), *fazen*, *én*, *bom*, *bem* (02) e *mandamos*, *reputarem*, *possão* (04) e *Quando*, *chegarom*, *levarom*, *ũa*, *com*, *Tam*, *nom* (05), ora se grafam com “m” ou “n”, ora com “” e ainda há casos em que o til e a consoante nasal coocorrem. Também se pode perceber a repetição da vogal em (01): péés e nenguu (01) e a tendência à abreviação do “q(ue)”, que no século seguinte vai ser mais incidente com um traço ou o til marcando a abreviação (“q̄” ou “q̄”). Ainda se podem observar as interessantes grafias do ditongo nasal em (04): *possão* e em (05) *desarmarom*, *tam* e *nom*, e a crase de *az*, sem a contração, em (05).

De fato, grafava-se um mesmo som de formas variadas ou grafavam-se, de uma mesma maneira, sons diferentes, e isso se repetia nos textos que se produziam na época.

Observemos, agora, uns trechos do galego-português (ou o emergente português pré-moderno) dos séculos XIV-XV:

- (06) “Esto durou grã dia antre eles, porque as azes dos mouros se refrescauã e hi moreo grandes gentes. (Anônimo. Batalha do Salado, 1340?. In: Nobiliário do Colégio dos Nobres *apud* HAUY, 1989, p. 102)
- (07) “Este ryo Tanaiz nace ênos môtes Ripreos e he marco antre Assya e Europa e entra êno gran mar Ouciano.” (Pedro Afonso. Crônica de Espanha. Cap. Quarto. 1344)
- (08) “E tynham sse por muy emganados porque de começo o nom emtenderom como estonçes, ca outro conselho teuerom em ello.” (General Estoria de Afonso X. Séc. XIV *apud* LEITE, 2012, p. 293)

- (09) “Esta he a man.ra q̄ parceo. a v.co da gama q̄ deue teer p.er daluarez em sua yda prazemdo a noso sr.” (Vasco da Gama, 1495. In: CAMARGO, 1966, p. 484)
- (10) “E tanto quifto falou, / hũa nuuem o cobrio, & afsy flê transluzio, / que os olhos me çegou.” (Danrrique da Mota. In: RESENDE, Garcia de. Cancioneiro Geral. 1817, p. 224)

No início do século XIV, ainda há uma indecisão na grafia da nasalidade, por exemplo, como em: *refrescauã* e *grã* (06) e *gran* (07), *gentes* (06), *ênos* (07), *tynhem*, *em* e *emtenderom* (08), *em* e *prazemdo* (09). Contudo, já é bem regular o encontro “an”: *antre* e *grandes* (06), *antre* (07), *tanto* e *transluzio* (10).

Ainda nesse período, há uma indecisão quanto a grafia do fonema /S/, que se grafa com “s, ss, f, fs, ff, c ou ç” como em: *Esto* (06), *Este*, *nace*, *Assya* e *Ouciano* (07), *sse*, *começo*, *estonções* e *conselho* (08), *Esta*, *parceo*, *sua* e *nosso* (09), *quifto*, *afsy*, *ffe*, *transluzio* e *cegou* (10). Também coocorrem o “y” e o “i” – grafemas vocálicos – e a abreviatura “q̄”.

Grosso modo, já se pode perceber certo padrão ortográfico no final desse século XIV, em que se torna recorrente a grafia de uma série de palavras. Logo, a grafia das palavras no início do século XV é marcada por uma relativa padronização, apesar de ainda ser irregular, como se pode observar nos seguintes trechos de textos do século XV e meados do século XVI:

- (11) “Eo capitã mandou aaquele degradado aº rribeiro e aoutros dous degradados que fosem amdar la antreles e asy adº dijz por seer home[m] ledo com que eles folgauam.” (CAMINHA, 1500. In: Só história, 2009-2022)
- (12) “Cada hũ destes reyes tẽ fua dama, à do nome chamam Pronome, & à do uerbo, Auerbio.” (João de Barros, “Difinçãm da Grãmatica e as pãrtes della”, 1540)
- (13) “Os mininos desta casa acustumavão cantar pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instramentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athrahião os corações dos Indios [sic] (NOBREGA, 1552 *apud* LEITE, 1954, p. 374)
- (14) “As armas & os barões aßinalados, / Que da occidental praya Lußitana./ Por mares nunca de antes nauegados, / Paßjaram ainda além da Taprobana./ (...)” (CAMÕES, 1572, p. 4)
- (15) “Hum baraõ sapiente, em quem. Talia./ Poz seus thesouros, e eu minha sciencia./ Defender tuas obras poderia./ He justo que a escriptura na prudência/ Ache sua defensam; porque a dureza/ Das armas, he contraria da eloquencia: (...)” (CAMÕES, 1576? *apud* CINTRA, 1922, p. 50)

De fato, o estabelecimento de um padrão ortográfico se inicia nesse século XV, e essa relativa padronização se pode observar nos fragmentos supracitados. Há recorrência da marcação da nasalidade das

vogais com “m” ou “n” no interior das palavras, como em: *mandou*, *amdar* e *antreles* (11), *cantar*, *indios*, *instrumentos*, *cantigas* e *lingua* (13), *occidental*, *nunca*, *antes* e *ainda* (14), *sapiente*, *sciencia*, *defender*, *prudência*, *contraria* e *eloquencia* (15); também em sílaba final: *home[m]*, *com* e *folgauam* (11), *chamam* e *difinçám* (12), *toom*, *com* e *em* (13), *passaram* e *além* (14), *hum*, *em*, *quem* e *defensam* (15), embora ainda ocorra o til, principalmente na base dos ditongos, que já se padronizam: *capitã* (11), *hũ* e *tẽ* (12) e *acustumavão*, *athrahião* e *corações* (13), *barões* (14), *baraõ* (15).

Já se padronizam os grafemas “s, ss, c ou ç” para o fonema /S/, contudo ainda se constatam as grafias “f, fs, ff, ß e j” como em: *fua* (12), *añinalados*, *paßaram* (14) e “j” para o fonema /Z/ como em: *Lufitana* (14).

Certamente, poder-se-iam assinalar outras tantas curiosidades gráficas nos textos da fase arcaica em comparação com os textos da fase moderna, com o uso do “ç” na sílaba inicial e/ou acompanhado de “e” e de “i”, ou a representação gráfica para o fonema /R/ ou os grafemas para os fonemas /i/ e /u/, porém o espaço para o presente artigo se estenderia para muito além do permitido.

6. Considerações finais

Que os textos das fases arcaica e moderna apresentam características morfossintáticas e fonéticas particulares, o que as distinguem, não tenho dúvida. Também não se pode negar que os textos do final da fase arcaica, mais propriamente por volta do meado do século XV até o início do século XVI, assemelham-se aos textos produzidos no início da fase arcaica e aos do início da fase moderna, embora não sejam propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno. São, portanto, textos que refletem a formação de uma nova língua portuguesa, a qual se pode considerar um português pré-moderno.

Numa prévia leitura crítica de textos poéticos e prosaicos desses diferentes momentos históricos do português, pôde-se constatar que, nessa língua emergente do final da fase arcaica, as suas morfossintaxes, as representações gráficas para os respectivos fenômenos fonéticos e os seus léxicos se apresentam com características de ambas as formas de comunicação desse período histórico da língua portuguesa. O que nos faz conceber a necessidade de uma reflexão acerca da periodização que se

consagrou em nossa literatura, por ter sido aceita e divulgada ao longo do tempo. E, se tal periodização for, de fato, necessária e útil para os estudos de história da língua portuguesa, que se reserve um momento compreendido entre o século XV e o século XVI para os estudos da língua, que nos parece conveniente denominar português pré-moderno.

De fato, defendo a ideia de que o vocabulário e a ortografia comuns da época apontam para a existência desse português pré-moderno, o que respalda a hipótese apresentada e justifica o objetivo deste projeto.

Logo, com a efetivação do que propõe o referido projeto, espero ter identificar e caracterizar a especificidade gráfica das palavras do português “pré-moderno” e o seu vocabulário, a partir de textos escritos por diferentes escritores lusitanos e galegos da época.

Acredito que esse banco de dados será o escopo ideal para a análise e posterior elaboração da reformulação teórica acerca dos estudos sobre as características dos textos em português, que foram desenvolvidos por portugueses entre 1350 e 1540, que não são propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno, porquanto se apresentam com características de ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. [Textos literários em prosa e verso, cartas régias e de altas personalidades, discursos, linhagem de famílias de Portugal, e dois obituários]. 15001–1550. Disponível em: <https://purl.pt/16445>.

BOTELHO, José Mario. *História externa da língua portuguesa e formação de seu léxico*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. (No prelo)

_____. Um pouco de história externa da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF*, v. XVII, n. 09. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. p. 144-56. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/09/12.pdf.

_____. Breve estudo da origem da língua portuguesa. *Revista Avepalavras*, Edição 16, 2º Semestre de 2013. Mato Grosso: UNEMAT-BR, 2013. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/16/artigos/boelho.pdf>.

BECHARA, Evanildo. As fases da língua portuguesa escrita. In: Kremer, Dieter (Ed.). *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de*

Philologie Romanes. V. 3. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991. p. 68-75

_____. *As fases da língua portuguesa (na tentativa de proposta de nova periodização)*. Niterói: UFF, 1985. (Inédita)

BIBLIOTECA REAL DE PARIS. *Leal Conselheiro e Livro da Enseñança de bem cavalgar toda a sella, escritos pelo senhor Dom Duarte, Rei de Portugal e Senhor de Ceuta*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1843. Disponível em: <https://archive.org/details/LealConselheiroIntegral/page/n51/mode/2up>

CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta de Pero Vaz de Caminha. *Só História*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009–2022. Transcrição Paleográfica com os 14 fólios está disponível em: https://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta_pvcaminha/index.html.

CAMÕES, Luis de. *Os Lysíadas*. Com privilegio Real. Lisboa: em casa de Antonio Gonçalvez, 1572. Transcrição fac-similada disponível em: <https://archive.org/details/oslusiad00cam/page/n61/mode/2up>.

CARDEIRA, Esperança. Português Médio – uma fase de transição ou uma transição de fase. In: *Domínios de Lingu@gem, Revista Eletrônica de Linguística*, Ano 3, n. 2, Uberlândia, 2º Semestre 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277770502_Revisitando_a_periodizacao_do_Portugues_o_Portugues_Medio.

_____. O galego nos textos metalinguísticos portugueses (séculos XVI-XIX). *Revista Galega de Filoloxía*, v. 16, p. 75-105, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/Mario/Downloads/O_galego_nos_textos_metalinguisticos_por.pdf.

CARVALHO, Maria José. Tópicos de periodização na história da língua portuguesa. *Revista Galega de Filoloxía*, n. 20, p. 35-65, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17979/rgf.2019.20.0.5916>.

CASTRO, Ivo. *Historia de la lengua portuguesa*. Trad. de Beatriz Peña Trujillo. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuevo, 2013.

_____. *Introdução à história do português*. 2. ed., Revista e muito ampliada. Lisboa: Colibri, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa séc. XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

LOPES, Fernão. *Crônicas de D. Pedro I e D. Fernando*. Por Gomes Eanes de Zurara. Lisboa: [S.n.] 1380?-1460. Disponível em: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/indexer/index/reservManuscritos/aut/PT/46408.html>.

MAGNE, Augusto. *Demanda do Santo Graal*: Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. Extracto (fl I), Projeto Vercial. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/graal.htm>.

MATTOS, Geraldo; BOTELHO, José Mario. *Fundamentos históricos da língua portuguesa*. Curitiba: IESDE, 2008. (Videoaulas)

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Novas contribuições para a história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. *Revista Diadorim 2, Artigos inéditos – Língua e Sociedade*, dez. 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Mario/Downloads/Novas_contribuicoes_para_a_historia_da_lingua_port%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Mario/Downloads/Novas_contribuicoes_para_a_historia_da_lingua_port%20(1).pdf).

_____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Novos indicadores para os limites do português arcaico. *Revista da ABRALIN*, v. III, n. 1 e 2, p. 259-68, julho e dezembro de 2004. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/936/863>.

_____. *O português arcaico: fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

NUNES, Irene Freire (Ed.). *A Demanda do Santo Graal*. 2. ed., revista. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

NUNES, José Joaquim. Poesia Palaciana. In: _____. *Crestomatia arcaica*. Lisboa/Rio de Janeiro: Sociedade Editora Portugal-Brasil, 1921?. p. 451-527. Disponível em: file:///C:/Users/Mario/Downloads/crestomatia-arcaica-por-jose-joaquim-nunes_compress.pdf.

_____. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: Fonética e Morfologia*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969.

GARCIA DE RESENDE. *Cancioneiro Geral*. Nova Edição. Preparada pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. TOMO V. Coimbra: Imprensa da

Universidade, 1817. Disponível em: <https://archive.org/details/cancio-neirogeral00reseuoft/page/n11/mode/2up?view=theater>.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. Disponível em: <https://archive.org/details/M.saidAli.grammaticaHistoricaDaLinguaPorugueza/page/n19/mode/2up?view=theater>.

_____. *Lexicologia do português histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SILVEIRA BUENO, F. da. *A formação Histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. (Biblioteca Brasileira de Filologia, n. 6)

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Título original: *Histoire de la langue portugaise*, 1980.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1959 [1911].

VASCONCELOS, Carolina Wilhelma Michaëlis de. Guarvaia. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada. Halle: Max Niemayer, 1904. Vol. I e II. Disponível em: <https://archive.org/details/cancioneirodaaju01vascuoft/page/xii/mode/2up> e <https://archive.org/details/CancioneiroDaAjuda/page/n5/mode/2up>.

_____. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1956. (Tomos: I, II, III e IV)